

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação
Curso: Cultura, Comunicação e Relações Étnico-Raciais

**Museu Afro Brasil Emanuel Araújo: uma caixa de ferramentas
para formação de professores que pensam fora da caixa.**

Joaquim W. Ferreira

Orientadora: Alecsandra Matias de Oliveira

São Paulo
2024

Resumo:

Este artigo apresenta e discute a proposta de uma trilha de formação para professores da educação infantil, básica, de nível médio e técnico que atende a lei 10.639 – Diretrizes e Bases da Educação sobre o ensino da cultura africana e afro-brasileira. Nesse exercício teórico-prático, tem-se como objetivo construir uma ferramenta de formação docente que entende a cidade como mediadora do conhecimento a ser mobilizado na escola, uma vez que é na cidade que se estrutura o racismo. Sob essa perspectiva, os museus são entendidos como mobilizadores de saberes que atendem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação voltada para as culturas africanas e afro-brasileiras, para além disso tornam-se espaços de memórias e de valorização das populações neles representados.

Palavras-chave: 1. Museu; 2. Escola; 3. Território; 4. Coordenação Pedagógica; 5. Situação de aprendizagem.

Abstract:

This article presents and discusses a proposal of training path for teachers in early childhood, basic, secondary, and technical education that complies with law 10,639 – Education Guidelines and Bases on teaching African and Afro-Brazilian culture. In this theoretical-practical exercise, the objective is to build a teacher training tool that understands the city as a mediator of knowledge to be mobilized at school, since it is in the city that racism is structured. From this perspective, museums are understood as mobilizers of knowledge that comply with the Law of Guidelines and Bases of Education focused on African and Afro-Brazilian cultures, in addition to becoming spaces for memories and appreciation of the populations portrayed in them.

Keywords: 1. Museum; 2. School; 3. Territory; 4. Pedagogical Coordination; 5. Learning situation.

Introdução

O presente artigo trata sobre a ação do coordenador pedagógico, a partir de uma proposta de formação dirigida aos professores das modalidades de ensino infantil, fundamental, médio e técnico, visando as relações étnico-raciais e concepções de equidade social. A demanda sobre essa questão sempre existiu, particularmente quando se coloca a escola como espelho da sociedade. Quando se entende que, ao cumprir sua função social, a escola tem de criar condições de aprendizagem, de reflexão e de construção de cidadania – especialmente indo além das efemérides do mês de novembro, quando se aborda a consciência negra.

Hoje, compreende-se que a ação educativa dos professores dentro da sala de aula é reflexo de um trabalho organicamente orquestrado por toda escola, exigindo que a direção e a coordenação estejam atentas e presentes na feitura desse trabalho coletivo. Assim, emerge a questão central deste estudo teórico-prático: como a coordenação escolar pode criar situações de aprendizagem entre os docentes, a partir da arte, cultura e cidadania, envolvendo a lei 10.639¹?

Ao buscar possíveis respostas, neste estudo, propõe-se uma ação-reflexão-diálogo sobre relações étnico-raciais na escola, conectando a comunidade escolar e uma instituição especializada na cidade de São Paulo, o Museu Afro Brasil Emanuel Araújo². A partir dessa conexão, constroem-se uma proposta de itinerário formativo destinada aos professores, com o intuito de mobilizar diálogos entre o Museu e o território, onde a unidade e a comunidade escolar estão inseridas.

¹ Lei sancionada em 2003 regulamenta o ensino de história e cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino de todo o país: Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

² Museu Afro Brasil Emanuel Araújo. Portão 10, Av. Pedro Álvares Cabral, s/n - Vila Mariana, São Paulo - SP, 04094-050. Localizado no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, dentro do mais famoso Parque de São Paulo, o Parque Ibirapuera, o Museu conserva, em 11 mil m² um acervo com mais de 8 mil obras, entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos e peças etnológicas, de autores brasileiros e estrangeiros, produzidos entre o século XVIII e os dias de hoje. O acervo abarca diversos aspectos dos universos culturais africanos e afro-brasileiros, abordando temas como a religião, o trabalho, a arte, a escravidão, entre outros temas ao registrar a trajetória histórica e as influências africanas na construção da sociedade brasileira. (Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/apresentacao>> acesso em 13 dez. 2023.

O objetivo deste estudo teórico-prático é discutir sobre os principais autores que tratam o tema. Mas, para além, se quer operacionalizar de forma prática a proposta de uma trilha de formação, entendendo como fundamental o papel do coordenador pedagógico da escola como o articulador de todas as etapas necessárias à concretização da ação e, posteriormente, à reflexão:

A formação contínua de educadores da educação básica será mais bem sucedida se a equipe escolar, liderada pelos diretores e coordenadores pedagógicos, encarará-la como valor e condição básicos para o desenvolvimento profissional dos trabalhadores em educação. A estrutura e a gestão democrática são elementos essenciais por enaltecerem a participação e o envolvimento dos professores e técnicos. Nesse sentido, o calendário escolar precisa garantir oportunidades para que, os professores se encontrem, analisem, problematizem, façam trocas, enfim reflitam na e sobre a ação, concretizando assim, a formação contínua na rotina escolar. Dessa forma, ela não será percebida como eventual, esporádica, mas como algo inerente ao trabalho educativo que a escola realiza. (FUSARI, 2015, p. 22).

Assim, a proposta de formação torna-se um caminho para professores da educação básica, de nível médio e técnico que atende a lei 10.639 e, ao mesmo tempo, entende a cidade como mediadora do conhecimento a ser mobilizado na escola. Vale ressaltar que, nessa cidade, figura a estrutura do racismo, explicado no livro chamado **Racismo estrutural**, de Silvio Almeida. Segundo esse autor, as cidades modernas de economia capitalista sustentam-se economicamente, classificando os indivíduos por meio da cor de sua pele, de forma a garantir diferentes espaços e acessos a depender da geografia e dos recursos herdados que separam brancos e negros no espaço urbano – e aqui se pensa mais exatamente a cidade de São Paulo. Nessa perspectiva, o Museu Afro Brasil pode ser articulado como mobilizador de saberes que atendem a lei 10.639, mas que para além disso é espaço de memória e de valorização das populações nele representadas.

Desse modo, este estudo está dividido em três partes: 1) discussão sobre a ação da coordenação pedagógica dentro do ambiente escolar; 2) o Museu AfroBrasil, sua concepção, sua ação no território de atuação e sua relação com a comunidade escolar e, por fim, 3) a descrição da trilha de formação, com proposições ligadas à visita ao Museu, rodas de conversas e avaliações.

A figura do coordenador pedagógico

A gênese da atividade desse profissional é o de “formador de formadores”, isso quer dizer que a coordenação deve coordenar as ações da escola por meio do corpo docente. Idealmente, isso acontece de modo democrático e comunitário, com ações que deem contornos ao pensamento vivo e coletivo da escola, co-construído com o corpo docente e efetivado dentro da sala de aula entre docentes e estudantes. Assim, está descrito no **Currículo da cidade de São Paulo**:

O coordenar pedagógico tem a importante função da orientação pedagógica procurando articular as atividades de aprendizagem, ensino, avaliação, formação e relação com a comunidade, a busca de inovações coerentes com os conceitos de aprendizagens comprometidos e com a qualidade social da educação pública. (SÃO PAULO, 2019, p.9).

Quando se expande as reflexões, articulando-as entre si, no papel qualitativo dos envolvidos no processo de criação de ambientes e situações de aprendizagem, seja entre educadores, seja entre estudantes, tendo as relações étnico-raciais como força motriz desses encontros, torna-se fundamental a contribuição de Edgard Morin presente em **Os setes saberes necessários a educação do futuro**. Nesse livro, encontra-se o *aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a conviver, aprender a viver e aprender a ser humano*. Então, se esse autor traz a ideia de um mundo fragmentado que carece de modelos educacionais que costurem uma visão integral de vida e educação, estar com educadores, dentro desses museus, apresentando e co-construindo possibilidades de situações de aprendizagem é sem dúvida colocar na prática todos esses manuais.

Adjacente, José Carlos Libâneo, em *O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres* (2012), trata da necessidade de uma educação que preze pelo convívio entre os estudantes, mas que não perca de vista as funções primordiais da escola: a transmissão e a construção de saberes e culturas humanas. Essas funções tornam as pessoas agentes ativas e fazedoras de críticas perante o mundo – essa é uma educação voltada à ciência como forma

de superação das desigualdades e atenta às necessidades locais e globais de populações. Nessa perspectiva, a exposição de longa duração do Museu Afro Brasil está dividida em núcleos expositivos, nos quais a ciência, a história e a religião geram reflexão em seu visitante. A exposição também cuida de um modelo de aprendizagem defendida pelos dois teóricos – aqui citados – Libâneo e Morin.

De retorno à organização educacional, entende-se que é preciso que a coordenação pedagógica elabore a formação junto com os professores e com eles estabeleçam as estratégias de aprendizagens para que faça sentido, primeiramente, aos professores, mas, principalmente aos estudantes.

Por esse motivo, torna-se relevante que a coordenação esteja com o olhar atento e dotada de ferramentas de construção-implantação – acompanhamento e avaliação para entender os impactos que essa trilha de formação causa na prática pedagógica dos professores, acompanhando-os para entender como isso impacta os estudantes ao longo da formação em sala de aula. Nesse ponto, cabe a reflexão de Paulo Freire acerca de uma educação voltada ao mundo, na formação do ser crítico que pensa o mundo:

O conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda em si, como veremos, conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade. As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (FREIRE, 1967, p.55).

A coordenação pedagógica atua como articuladora de formação docente da unidade escolar. A ela cabe entender que a escola é um corpo pensante, dotada de inteligência coletiva. Nesse sentido, a coordenação necessita, de forma democrática e dialógica, dar direcionamento a esse corpo pensante. Essa ação acontece, primeiro, em colaboração com o corpo docente e, depois, com a sala de aula. E, uma das inúmeras formas de tornar real esse direcionamento é a iniciativa da coordenação de levar o corpo docente aos museus e a partir daí

iniciar um trabalho de discussão e reflexão que, em última instância, afetará os conteúdos presentes na sala de aula. Aqui, no estudo, ora em desenvolvimento, optou-se pelo exercício a partir da visita ao Museu Afro Brasil Emanuel Araújo (**Fig. 1**), localizado no Parque Ibirapuera – posicionado no que é considerado uma zona nobre de São Paulo.



Figura 1. Fachada do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, 27 dez. 2022. Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/27/museu-afro-brasil-passa-por-reforma-e-abre-nesta-terca-com-novo-nome-para-homenagear-artista-emanuel-araujo.ghtml>. Acesso em 25 mar. 2024.

O Museu Afro Brasil Emanuel Araújo e o território

A escolha desse espaço é fruto *de* e *para* a reflexão sobre como podem os saberes dessa instituição articular-se em múltiplas combinações que superam a visita guiada com alunos, e aprofundam-se de forma a serem uma caixa de ferramentas para professores que pensam fora da caixa, ou seja, os temas abordados pelo Museu Afro Brasil apresentam pluralidade e versatilidade. As abordagens do Museu vêm de um complexo sistema de pensamento que, às vezes parecem exceder os objetos museológicos e as visitas guiadas com as escolas. Isto porque é um museu que dialoga com a história hegemônica e com a história da reparação – discurso museológico institucional que motivou sua

criação e seu diálogo com o povo afro-brasileiro, na cidade de São Paulo. Destaque-se ainda as palavras do seu, então, diretor, curador e fundador, Emanuel Araújo (**Fig. 2**)³ em entrevista ao programa de *TV Roda Viva*:

São Paulo é a única cidade brasileira em que se pode pensar em um museu nas circunstâncias como o Museu Afro Brasil, num prédio do Oscar Niemeyer onde foi feito para os 400 anos de São Paulo, e onde hospedou a segunda bienal de São Paulo, a bienal internacional. Foi uma bienal importantíssima, veio até Guernica de Picasso, então aquele prédio é um prédio emblemático e está no Parque Ibirapuera. Claro quando se pensou em ocupar aquele parque houve gritas de pessoas dizendo: esse museu tinha que estar na Bahia lá que é terra de preto, aqui não. Eu acho que o fato de estar ali já é uma imposição fundamental pra mostrar a competência deste museu. (ARAÚJO, 2017)



Figura 2. Emanuel Araújo (Santo Amaro, BA, 1940 – São Paulo, SP, 2022). Fonte: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/12/1944349-velhice-e-o-comeco-da-despedida-diz-diretor-do-museu-afro-brasil.shtml>. Acesso 25 mar. 2024

³ Nos anos de 1960, seus trabalhos atingiram dimensões monumentais com o emprego de materiais diversos. Nos anos de 1970, ele fincou alicerces em composições abstratas geométricas. Essas obras foram marcadas por planos cromáticos entrecruzados, reduzindo as formas às estruturas básicas, como o retângulo e o triângulo. Apesar de seu trabalho artístico não evocar diretamente à memória ou os temas ligados à arte afro-brasileira, não há como não o mencionar como agente ativo e influente na cena atual. Desde 1992, Emanuel Araújo é também diretor de museus de arte, sendo sua primeira experiência frente à Pinacoteca do Estado de São Paulo. Ele dirigiu o Museu Afro Brasil (desde sua inauguração em 2004), onde manteve parte de sua coleção de arte em comodato. Ele faleceu em 2022 (OLIVEIRA, 2018).

Entende-se ainda mais essas afirmações de Emanuel Araújo ao caminhar pelo Parque Ibirapuera, localizado na zona Sul de São Paulo. Nesse local, é quase que impossível, em algum momento, não esbarrar no conceito de bandeirante. Um termo empregado das mais diversas formas, veiculado de maneira tão heterogênea quanto os significados que lhe foram impregnando ao longo do tempo. Essa palavra tornou-se sinônimo de paulista, por ação deliberada de instituições, que em busca de uma identidade regional, forjaram para si um signo convenientemente acionado no curso de alguns acontecimentos para aglutinar a população ou para diferenciá-la.

Legado de um momento histórico no qual o discurso bandeirista figurou como sustentáculo para os objetivos políticos do Estado, que considerou a ideia do bandeirante como o diferenciador de São Paulo do restante da nação. Noutras palavras, ocorreu a construção simbólica de um paulista branco, culturalmente e biologicamente superior às demais populações do próprio Estado e também do restante do Brasil – um racismo que funcionou no plano das representações.

Trata-se de uma memória intencionalmente edificada para e por aqueles que se veem representados pelo mito do Bandeirante, tendo como expressão artística e arquitetônica as comemorações do quarto centenário da cidade de São Paulo com a inauguração do Parque Ibirapuera, onde contam uma história de um povo paulista que vive naquele bairro e que exige para si uma memória muitas vezes truncada, desinteressada em dialogar com outros agentes que compõem o espaço público. Essa população que demanda para si a representação Bandeirante não dá conta da totalidade da identidade, construção e história da cidade, do Estado e do País.

Nessa perspectiva, o discurso proposto no projeto expositivo do Museu Afro Brasil, hoje liderado pelo antropólogo Hélio Menezes⁴, é o de colocar o público diante de questões identitárias; mostrar as populações que compõem a cidade de São Paulo e o País. Assim, o caminho escolhido pela curadoria é o de

⁴ Hélio Menezes é nascido em Salvador em 1986, é mestre e doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, onde atua também como pesquisador do Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS) e do núcleo Etno-História. Assumiu a direção do Museu Afro Brasil, em 2024.

questionar quem são os brasileiros, abrindo horizontes para reflexões, dando voz aos que estiveram de fora, ou não se reconhecem nos discursos elaborados sobre a identidade paulista vinculada ao bandeirante.

O percurso dialógico é construído sem desprezar a função social de um museu (**Fig. 3**). Ele foi organizado a partir da materialidade da arte e da sobrevivência dos objetos musealizados. A curadoria volta-se à população negra em primeira pessoa. Ela espera que o visitante possa vir a pensar o seu lugar e suas representações no tecido social paulista e brasileiro em toda a sua pluralidade, plenitude e contradições. Assim, o Museu Afro Brasil Emanuel Araujo ocupa todos os espaços de representatividade da memória e cultura negra. O lugar da cultura negra sempre começa como sendo o não-lugar, construído a partir de questionamentos e conflitos. O Museu quer estabelecer diálogos; ser ponto de resistência e de pertencimento. O museu Afro Brasil, assim como a sociedade brasileira, tem dentro de si a síntese de todas as cores, as lutas e os afetos que a experiência da travessia atlântica cunhou naqueles que por séculos fazem do Brasil a morada, a terra, a narrativa da vida, da cultura e da ancestralidade.



Figura 3. Sala expositiva do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, 27 dez. 2022. Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/27/museu-afro-brasil-passa-por-reforma-e-abre-nesta-terca-com-novo-nome-para-homenagear-artista-emanuel-araujo.ghtml>. Acesso em 25 mar. 2024.

O local do museu, seu discurso e o território da unidade escolar tornam-se tema de discussão junto aos professores com o objetivo de se entender a constituição dos diferentes territórios e como as populações ocupam cada um destes, e, ainda, quais discursos se impõem por meio de instituições como a escola e o museu. Esse exercício pode abordar a identidade coletiva da escola e os discursos que por ela permeiam e por ela são construídos em duas esferas: a primeira posta pelo Estado a partir do currículo e a segunda construída pela população do entorno a partir de suas experiências de vida. Essa ação reflexiva necessita da coordenação pedagógica. Essa atividade precisa acontecer, de forma democrática, junto ao corpo docente. Ela necessita estimular coletivamente, por meio da proposição do itinerário formativo, uma premissa de ação-reflexão-diálogo, inerente ao fazer profissional do coordenador pedagógico.

A relação escola-comunidade-território-cidade deve ser entendida pelo corpo docente, responsável por estabelecer os diálogos com os estudantes que são moradores da região e carregam consigo a historicidade do bairro. Para que faça sentido o trânsito entre o bairro e o museu é preciso entender como as historicidades se entrelaçam numa história que parte do transatlântico, constitui-se história nacional e reflete o cotidiano que determina onde esse estudante estuda e porque estuda com aquele currículo naquele bairro com aquelas pessoas.

A trilha de formação

O ambiente escolar é um espaço que pensa o mundo. O fato dele estar inserido no mundo, o coloca numa posição de ambivalência: a escola pensa o mundo de forma crítica, porém, sendo parte deste mundo, a escola também se torna alvo desta crítica; ela não está apartada do mundo. Essa premissa é fundamental quando se toma em consideração a relevância da reunião pedagógica, ou seja, um momento em que a escola cessa as aulas para que possa pensar a si mesma.

A divisão social do trabalho que também está dentro da escola aponta para o reflexo da sociedade no qual parar é contraprodutivo. Dessa forma, muitas vezes, os gestores de unidades educacionais se veem em ambientes de conflito

de ideias, quando: parte da gestão acredita ser eminente suspender as aulas para que docentes possam refletir sobre o trabalho que está sendo desenvolvido na escola e, outra parte da gestão defende que parar com as aulas pode não gerar os frutos esperados. Além disso, esses gestores dizem que cessar as aulas pode criar outros problemas, tais como, a desassistência às famílias que têm a escola como parte de uma rede de apoio, nas quais pais, mães e responsáveis trabalham enquanto o estudante está na escola. Todos os motivos são válidos e merecem que a gestão discuta, reflita sobre o assunto, adotem soluções que valorize o encontro e a troca de experiências entre os docentes, ou seja, independente do posicionamento da gestão é de suma importância que periodicamente haja reuniões pedagógicas entre coordenação e docentes.

Considera-se que a escola é um espaço de pensamento coletivo, que possui uma vida comunitária e é essa matriz que poderá ser coordenada entre os professores e professoras para que haja a construção coletiva das etapas, ação e objetivos da trilha. Para tal é essencial que a gestão se posicione como co-construtora da trilha de formação a que se propõe para que não seja mais um “curso”, posto de cima para baixo, no qual todos fazem pela obrigação de fazer; antes disso a coordenação, responsável pelo papel formador, assume a liderança no sentido de inspirar a co-criar junto ao corpo docente os caminhos e objetivos a que se pretende. A gênese de tudo está na reunião pedagógica, seguindo alguns critérios:

- **Organização de encontros com os professores denominado ECTP (Estudo Coletivo para Trabalho Pedagógico).**

O primeiro ECTP construirá os acordos e compromissos que darão lastro ao trabalho colaborativo, bem como a organização de grupos de trabalho que cuidarão dos seguintes aspectos:

1. Grupo história: apresentará seminário sobre a história do bairro onde a comunidade escolar está inserida. Também pesquisará sobre essa comunidade na contemporaneidade de forma a entender passado e presente da comunidade escolar e do bairro.

2. Grupo museu: apresentará seminário explicando o que é, para que serve, como organizar uma visita ao museu. Este grupo também será o responsável por agendar a visita à instituição.
3. Grupo cidade: apresentará seminário explicando a história de criação do Parque Ibirapuera e chegada do Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, passando pelo discurso museológico e a estrutura da exposição.
4. Grupo situações de aprendizagem: apresentará seminário com possibilidades de situações de aprendizagem que envolvam relações étnico-raciais. É importante que este grupo tenha diversidade de áreas do conhecimento.

Considere-se ainda que a gestão de pessoas em diferentes tipos de instituições mobiliza técnicas e modelos que atendem a razão de ser da instituição, ou seja, uma grande instituição que trabalha com a montagem de veículos terá um modelo de gestão de pessoas que, historicamente, vêm se construindo a partir das linhas de montagem. Com o processo de robotização e inteligência artificial, altera-se essa relação. Se deslocamos o conceito de gestão de pessoas para o ambiente escolar, essa também atenderá a historicidade da gestão desse espaço e das pessoas que nele circulam. Se no primeiro exemplo, a gestão cuida de uma ação que gera um produto, na escola a gestão cuida de ideias que geram uma ação.

Assim sendo, a fragmentação de grupos para tratar de ideias que compõem um todo é o modelo que a escola há muito tempo tem assumido e dado resultado. Daí, surge também a reflexão acerca do acerto ou do erro no modelo cartesiano de ensino, no qual o conhecimento é fragmentado em áreas do conhecimento que tratam especificamente de um assunto quase sempre sem dialogar com as outras áreas. Recentemente, as reformas nos modelos de ensino têm proposto que as Matemáticas e suas Tecnologias; Linguagens e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas gerem diálogos entre as diferentes áreas do conhecimento.

A partir desse modo de gestão do conhecimento e da ação escolar, o trabalho se pautará na divisão de grupos de pesquisa entre os professores. O

primeiro objetivo será a apropriação de todos envolvidos no processo. Todos terão conhecimento sobre os passos da trilha de formação, ou seja, a trilha não será algo dado pela gestão, mas, sim será construída com todos os professores - esse modelo de gestão do trabalho é capaz de gerar maior engajamento e criticidade entre os membros do grupo de trabalho.

Cada gestor ou gestora construirá com o grupo o tempo de pesquisa, bem como a frequência dos encontros e o tempo de apresentação, porém considerando o processo de aprendizagem do grupo, recomenda-se que os encontros não ultrapassem 30 dias entre um e outro.

- **Visita ao Museu Afro Brasil Emanuel Araujo**

A visita ao museu Afro Brasil deve acontecer direcionada ao objetivo formativo, anteriormente, discutido entre os grupos de trabalho. Dessa forma, a coordenação precisa com antecedência contatar a instituição e organizar uma reunião com o seu núcleo educativo para que este direcione a visita aos objetivos previamente estabelecidos.

- **Roda de cultura sobre as reflexões suscitadas durante a visita ao museu**

Uma das funções de uma roda de cultura é criar espaços dialógicos entre os participantes, estimular a troca de experiência comum a partir de uma mesma vivência e que, mesmo, suscitando perspectivas diferentes trará na essência um tema comum – nesse caso, as percepções acerca da exposição do Museu Afro Brasil. A importância desse espaço anterior à construção das situações de aprendizagem favorece o afloramento das camadas de subjetividade dos docentes envolvidos na ação. Também é uma forma de a coordenação ter uma visão acerca das percepções individuais e como elas se espraiam no coletivo, abrindo espaço para aferir possíveis atritos e/ou a necessidade de alinhamento dos objetivos pré-estabelecidos, por isso a roda de cultura acontece no máximo uma semana após a visita ao museu.

- **ECTP para tratar das situações de aprendizagem.**

É relevante que entre a Roda de cultura e o ECTP haja tempo para que os docentes madurem as trocas realizadas durante o encontro, ou seja, entre a roda de cultura e o ECTP recomenda-se que haja um espaço de tempo, de pelo menos, uma semana.

Antes do ECTP recomenda-se que os professores já tenham planejado quais as situações de aprendizagem pretendem abordar dentro da sala de aula. Sugere-se a criação de situações que fujam das tradicionais práticas e abordagens.

No encontro do ECTP, o foco recai sobre o conhecimento de cada docente; eles precisam saber mutuamente o tema e a abordagem de cada um, assim, as ações se complementam de forma que não haja repetição e torne o processo de aprendizagem fluido.

As situações de aprendizagem podem e devem abarcar todas as áreas do conhecimento e espalhar para a comunidade do entorno escolar, de forma que a ação não fique restrita à comunidade intraescolar e atinja também a comunidade extraescolar. Para tal resultado, a escola pode lançar mão de pesquisas feitas pelos estudantes fora da escola, festa ou encontro que mobilize algum tema ou assunto que envolva ação que está sendo mobilizado na escola, encontros e feiras culturais, são alguns dos exemplos de atividades que envolvem o entorno da escola e impacta a comunidade.

- **ECTP para acompanhar o desenvolvimento das situações de aprendizagem.**

Findado o primeiro ECTP e dado o início das atividades dentro de sala de aula, é preciso que haja novo ECTP para que os docentes, juntos com a coordenação possam avaliar o andamento das atividades e realizar possíveis ajustes.

- **Avaliação da trilha de formação.**

Ao final do processo da trilha de formação docente e aplicação em sala de aula com os estudantes é de suma importância que haja um modelo de avaliação para as atividades desenvolvidas com os estudantes, e um outro modelo de avaliação a ser aplicado aos docentes. Se o primeiro modelo visa entender a qualidade do trabalho docente no desenvolvimento da trilha, o segundo avalia o trabalho da coordenação do desenvolvimento das atividades junto aos docentes. O processo avaliativo nas duas esferas é valioso, uma vez que é por meio deles que serão aferidos o impacto da ação na comunidade escolar: um bom resultado aponta para o acerto dos caminhos para repetir o

trabalho, tendo outras instituições de cultura como foco e, um resultado ruim aponta para a melhoria no processo.

Caso a coordenação receba uma avaliação mediana ou ruim, vale rever todo o processo e identificar em que ponto houve falha, pois é comum gestores abandonarem projetos que tiveram baixo rendimento, quando o correto seria rever os pontos e aprimorar até que atinja a qualidade esperada na execução dos trabalhos com a equipe escolar. Um dos pontos que travam projetos como este são equipes com baixo engajamento e pouca interação entre os pares na escola – essa é uma situação que muitas vezes exige da coordenação um trabalho prévio, no qual os agentes envolvidos assumem compromissos e acordos, mudança de postura e colaboração a fim de colher em coletivo os resultados. Enfim, o sucesso do projeto está numa gestão humana que saiba lidar com humanos e, com lucidez, traga a técnica e a seriedade para um compromisso que envolve a historicidade da comunidade escolar.

Considerações finais

No início da minha docência – embora, já tivesse ido muitas e muitas vezes aos museus da cidade de São Paulo – na realidade, eu não sabia como realizar uma visita. Pouco ou nada, eu sabia de como levar os estudantes ao museu: eu, simplesmente, ligava, agendava uma visita e levava toda a turma para lá. Foi assim que vivi o museu quando era estudante e assim eu reproduzi depois que me tornei professor.

Com o tempo, acertando e errando, fui dando contornos profissionais à atividade, buscando formação técnica, bibliografia especializada e entendendo as formas de como usar os espaços culturais da cidade como material didático para o que estava sendo trabalhado dentro da sala de aula. Apropriei-me da terminologia “Cidade educadora”. A cidade passou a ser uma extensão da escola. O compreender as identidades e os territórios junto com os estudantes deu bons frutos na construção da carreira na docência, entre eles, está a implantação de um programa de formação em uma Organização da Sociedade Civil (OSC) na qual tinha como foco propor aos estudantes acesso à arte, cultura e lazer na cidade de São Paulo.

Depois dessa experiência, assumi a coordenação de uma instituição no qual o foco foi construir junto com os professores uma trilha de formação docente que visava qualificá-los para a realização de atividades pedagógicas que tinha os museus e espaços culturais da cidade como parte do material didático a ser trabalhado com os estudantes. Este artigo é apenas um possível caminho, um ponto de partida para que outros educadores e coordenadores possam qualificar as visitas realizadas por suas escolas a esses espaços.

No lugar de coordenação pude ter uma visão mais abrangente sobre como as questões étnico-raciais são tratadas e vistas em diferentes escolas que atuei. O mais comum são professoras e professores com certo letramento racial, que em conversas pelos corredores expressam pontos de vistas interessantes. Nas interações, na sala dos professores, falam de lugares e de saberes da lei 10.639, mas ao chegar nas reuniões de ECTP demonstram as fragilidades na lida com o assunto em situações de aprendizagem. Quando acompanhados de perto, dentro da sala de aula, esses professores mostram que há uma distância entre o posicionamento “do corredor” e o que ocorre na conversa com os pares e durante a aula.

Entendi que quando o assunto é étnico-racial, na aula, é como se o professor e a professora tivessem que “parar a aula” para falar sobre racismo e seus desdobramentos. Dessa experiência, em meu lugar de gestor, iniciei reflexões e pesquisas sobre como isso deveria acontecer dentro da escola. Assumi o posicionamento de que a pluralidade da sociedade brasileira, a diversidade étnica e o racismo estão presentes em todas as aulas, então o caminho está no deslocamento do professor: com uma boa formação ele somente aplicará o que ele já sabe para situações de aprendizagem.

Um exemplo de resultados colhidos sob essa perspectiva, está na experiência vivida numa escola de formação profissionalizante. No curso técnico de segurança do trabalho, as atividades de prevenção de incêndio tiveram como objeto de estudo o museu Afro Brasil. Antes da trilha de formação, essas eram feitas em um *shopping* no entorno da escola. Na observação, percebeu-se que o docente do curso técnico ao tomar o Museu como objeto de estudo para a construção de um plano de prevenção de incêndio levou os estudantes a dialogarem sobre questões étnico-raciais sem “parar” a aula para tratar o tema.

Assim, este artigo torna-se um diálogo sobre a função da coordenação pedagógica na escola e como ela pode e tem responsabilidade sobre a atividade do professor em sala de aula. Tudo isso dentro de um contexto escolar que, hoje, precisa estar comprometido com a discussão e a reflexão a partir de temas atuais que evidenciam a cultura brasileira e, também os percalços dessa mesma cultura na interação com o tecido social.

Entende-se que a escola é um espaço que qualifica as pessoas para serem agentes ativos da história que vivem. Para que esse resultado seja alcançado é preciso se perguntar: quem é a escola? Para essa resposta, é preciso compreender que a escola não é só o professor e o estudante. A escola também é a coordenação e a direção, bem como a equipe de conservação, a alimentação, a segurança e o entorno. A escola é a comunidade escolar e, sendo a comunidade é preciso entender as responsabilidades e atribuições para que não fiquemos apenas no binômio estudante-professor. A coordenação precisa se responsabilizar pela formação docente de sua escola; ela proporciona espaço de diálogo e reflexão entre os pares e demais agentes envolvidos no processo educacional. É preciso entender a comunidade e o território dessa escola e criar pontes para que todos e todas possam se sentir parte da comunidade escolar.

É também intenção deste artigo prestar uma pequena homenagem à figura emblemática que foi Emanuel Araujo, um artista que dedicou toda uma vida para a construção de espaços de expressão e reconhecimento da população afro-brasileira. Para além do artista, ele foi um grande administrador de espaços de arte, tais como, a Pinacoteca do Estado de São Paulo e o Museu Afro Brasil. Por muito tempo, ele foi (e continua sendo) referência nas áreas em que atuou, estudado, admirado e interpretado por universidades, galerias de arte e pessoas de todo o mundo. Ele foi e (continua sendo) um dos maiores artistas e representantes desse povo preto afro-brasileiro.

É deste lugar de formação intelectual que penso o mundo e honro os que vieram antes de mim, deste lugar, eu celebro a vida de todos e todas que lutaram para que eu fosse um homem preto consciente do meu país e da realidade em que vivo, eles que projetaram em mim a responsabilidade de ser aquele que transmite o que sabe, é deste lugar, que trago para o fim deste artigo, mas que

é a gênese de tudo, a Dona Corina, gratidão eterna por me guiar até todas as salas de aula para que hoje eu seja coordenador pedagógico.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BRASIL. **Lei n. 10.639/03**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:
<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> Acesso em: 14 dez. 2023.
- BRASIL. **Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal 10.639/03/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- BRUNO, E. B.; ALMEIDA, L. R.; CHRISTOV, L. H. (Org.). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- CALADO, Maria da Glória. **Escola e enfrentamento do racismo: as experiências das professoras ganhadoras do Prêmio Educar para a Igualdade Racial**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25032014-133053/pt-br.php>>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008
- LIBÂNEO, J.C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres.

Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/aop323.pdf>>. Acesso em: 15/2/24.

MACEDO, Aldenora. Negar, silenciar, apagar: a gestão escolar frente à educação antirracista. **Revista da ABPN**, v. 9, n. 22, p. 385-408, mar.-jun. 2017. Disponível em:

<<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/negar-silenciar-apagar-a-gestao-escolar-frente-a-educacao-antirracista,78cddce1-9e0f-4599-a725-0d318ae3ee36>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

MANTOAN, Marcos. **Museus, artes e pautas identitárias**. Revista Arte & Crítica. São Paulo, dez. 2023. Disponível em <https://https://abca.art.br/wp-content/uploads/2023/12/Marcos-Mantoan-edicao-68.pdf> Acesso em 19 abril 2024

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias. A “Onda negra”. Arte visual afro-brasileira, legitimação e circulação. **Jornal da USP**. 05 out. 2018. Disponível em <https://jornal.usp.br/artigos/a-onda-negra-arte-visual-afro-brasileira-legitimacao-e-circulacao/>. Acesso em 25 mar. 2024.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: Por uma docência da melhor qualidade**. 8ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Educação Infantil**. São Paulo: SME / COPED, 2019.